



# GESTORES DÃO NOTA NEGATIVA À COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS EM 2010

Cerca de metade dos gestores portugueses inquiridos no âmbito de um trabalho da AESE (Escola de Direcção de Negócios) e da consultora Accenture afirmam que a competitividade das empresas portuguesas piorou em 2010

**A** competitividade das empresas portuguesas apenas melhorou para 14% dos gestores portugueses, enquanto quase 50% diz que piorou, de acordo com um estudo AESE/Accenture. Estas respostas são, na óptica dos analistas da Accenture, piores das que as obtidas em 2009. Por sectores, o mais pessimista foi o da energia, onde 58% dos gestores inquiridos afirmaram que a competitividade piorou.

Para inverter a situação é necessária uma mudança da mentalidade empresarial, para além do estudo dos movimentos da concorrência, refere o estudo. Quando instados a comentar os resultados das medidas de políticas económicas, os resultados são antagónicos e os analistas da Accenture concluem que o resultado obtido deriva do facto de, para os gestores pessimistas o problema não serem tanto as medidas de política económica tomadas, mas antes a ausência de medidas eficazes.

O financiamento e a internacionalização são dois factores decisivos para o futuro das empresas portuguesas, conclui a 4.ª edição do estudo "Gestão Empresarial em Portugal 2010", que inquiriu 341 executivos de topo.

Há, no entanto, um aspecto positivo relevante neste inquérito e respeito ao mercado externo. Os gestores estiveram menos pessimistas em 2010 do que relativamente ao ano anterior. No exterior melhorou a competitividade dos sectores ligados aos serviços de ensino/cultura, e aos media e publicidade.

O investimento das empresas portuguesas no exterior é insuficiente. Este é um dado crucial e não se alterou nos dois últimos anos. Existem, no entanto, diferenças assinaláveis por região.

O investimento na Europa é considerado insuficiente por 51% dos gestores, mas 46% consideram-no suficiente e o mesmo se passa relativamente a Espanha.

No que respeita ao investimento nos países do leste europeu, América e Brasil, a posição de insuficiência é muito mais pronunciada. A Accenture destaca que "o maior consenso encontra-se no investimento na China e na Índia em que 85% entendem ser insuficiente. Em África, há também uma maioria ligeira com a opinião de investimento insuficiente, mas para Angola a situação inverte-se. Apenas 26% dos gestores entendem que o investimento é insuficiente, enquanto 39% consideram

que é suficiente e mesmo 35% acreditam ser demasiado.

Por sector da actividade, o inquérito revela que, no investimento em Espanha, 73% do sector da distribui-

**O investimento das empresas portuguesas no exterior é insuficiente. Este é um dado crucial e não se alterou nos dois últimos anos. Existem, no entanto, diferenças assinaláveis por região**

ção e transportes acham que o investimento é insuficiente, enquanto 63% dos inquiridos da indústria do cimento e construções entendem que é suficiente. Em Angola, são os gestores do sector do turismo e restauração que mais referem ser suficiente o investimento feito.

## FINANCIAMENTO

Entre os aspectos mais importantes para o futuro das empresas portuguesas, o financiamento é eleito por

dois terços dos gestores (contra 48% em 2009), seguindo-se a produtividade (61%), a investigação & desenvolvimento (54%), a internacionalização (50%) e a exportação (48%).

Do trabalho resulta a percepção de que, em 2010, a competitividade das empresas portuguesas piorou, com 49% dos inquiridos a apontar uma degradação no mercado interno e 43% a registar um decréscimo da competitividade nacional no mercado externo.

As medidas políticas e económicas, as movimentações da concorrência e a deslocalização são os factores mais apontados como estando na base desta degradação.

Entre os inquiridos, são tantos os que consideram a crise como uma oportunidade como os que a encararam como uma dificuldade (42%). Face a 2009, a percentagem de optimistas caiu oito pontos percentuais, enquanto os pessimistas aumentaram em sete pontos.

Para mais de dois terços dos gestores, a modernização e rapidez de execução da justiça volta a ser "um factor prioritário na agenda governamental", destacando-se também a promoção de um mercado laboral competitivo (43%) e uma política fiscal adequada (39%).

Como medidas mais importantes para ultrapassar a crise, 64% aponta a optimização de gastos gerais e administrativos, 62% a melhoria de produtividade e 54% a fidelização da carteira de clientes.

Questionados sobre investimentos efectuados ou a efectuar a dois anos, 60% diz ter apostado na imagem institucional ou da marca e 57% em alterações no portfolio de negócios ou mercados, enquanto 83% refere ter investido ou ir investir na melhoria dos processos operacionais.

## Vulnerabilidade

A questão da crise e da vulnerabilidade das empresas é um aspecto crucial neste trabalho e a generalidade dos gestores não podia deixar de aceitar a ideia de que a crise irá afectar as empresas nacionais. Cerca de 77% dos inquiridos consideraram que as empresas se encontram mais vulneráveis face à crise do que as suas congéneres estrangeiras, enquanto apenas 2% entendem o contrário. Os analistas assinalam que esta vulnerabilidade era latente há muito tempo, mas "a crise, como a vivemos, torna-a mais visível e preocupante".